

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Histórias que se lê e que se escreve: fabulação e empatia histórica na sala de aula
Autor	BRUNO CHEPP DA ROSA
Orientador	NILTON MULLET PEREIRA

Histórias que se lê e que se escreve: fabulação e empatia histórica na sala de aula

Autor: Bruno Chepp da Rosa (BIC-UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Faculdade de Educação – UFRGS

Seja folheando as páginas de um jornal ou deslizando os dedos na tela de um *smartphone*, seja grafando um recado em uma folha avulsa ou redigindo uma mensagem eletrônica, corriqueiramente, nós lemos e escrevemos. Apreendendo e reproduzindo um conjunto determinado de símbolos, estamos sempre assimilando informações e expressando ideias, sejam elas nossas ou de outras pessoas. Na sociedade da qual fazemos parte, ocidental e contemporânea, as práticas cotidianas de leitura e de escrita assumem um papel capital: elas permitem, aos sujeitos, comunicar, significar e representar, a partir de códigos compartilhados por uma coletividade, o mundo a sua volta, respondendo a uma necessidade funcional da existência em sociedade. Será, no entanto, que ler e escrever são exercícios que se dão, exclusivamente, por razões práticas da vida? Ainda que possa escapar a nossa percepção, ler e escrever, se pensados enquanto atos libertadores, compreendem uma outra instância, o “Fora” de Michel Foucault, um lugar em que as sensações têm espaço e que a criação existe em potência. Nesse sentido, mais que designar as coisas do mundo, leitura e escrita tornam-se maneiras sensíveis de interagir com a realidade, do presente e do passado.

Fruto do projeto “Leitura e escrita na sala de aula de história: da prisão da palavra ao labirinto do exterior”, esta comunicação, explorando o potencial daquela instância criativa, o “Fora”, procura demonstrar o potencial de práticas imaginativas e fabulatórias de ler e de escrever no ensino de história. Desde 2016, por meio de procedimentos quantitativos (questionários dirigidos a estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e aos docentes de história) e qualitativos (entrevistas semiestruturadas feitas com os professores) de pesquisa, conseguiu-se mapear, em escolas da região metropolitana de Porto Alegre, as principais práticas de leitura e de escrita utilizadas nas aulas de história. A análise desse material revelou duas informações principais: por um lado, que aquilo que admitimos como ferramentas didáticas tradicionais (livros, textos didáticos, questionários etc.) continuam pautando os exercícios de leitura e escrita dos estudantes em aula; por outro, que os mesmos estudantes, dentro e fora do espaço escolar, desenvolvem práticas, mesmo que descompromissadas, de ler e escrever (da leitura de uma aventura fantástica até a composição da letra de uma música) que passam por este “Fora” da linguagem. A partir dessas constatações, foi pensada, tendo em vista uma etapa conclusiva do projeto, a realização de oficinas de leitura e escrita de história(s) junto a turmas de estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Nessas experiências, a partir de dois questionamentos centrais (“1. *Os fascismos e suas práticas discriminatórias são coisas do século XX ou ainda são percebidos nos dias atuais?*”; 2. “*E se experiências totalitárias, como aquelas representadas pelo nazismo, não tivessem existido, como seria o mundo hoje?*”), pôde-se dar vazão à capacidade imaginativa, às sensibilidades e à empatia histórica dos estudantes. O que se pôde verificar foi a imaginação de uma trama histórica que, referenciada por uma realidade concreta e executada com os recursos textuais próprios dos estudantes, consistiu em um exercício crítico e libertador. Suas respostas autorais, mais que tentativas de transcrever a fala do professor ou copiar o texto do livro didático, compreenderam um importante exercício de pensamento e fabulação, tendo em vista a problematização do passado e do presente, sempre na trilha de uma abertura para novos e melhores futuros.